

“A poesia faz alguma coisa acontecer”: a subjetividade e a construção da identidade de mulheres negras na tradução de Nayyirah Waheed

Ana Carolina Dias Santos do Vale

Resumo: A poesia produzida por mulheres negras ainda não possui a mesma visibilidade dos trabalhos realizados por autores brancos, nos ambientes acadêmicos e fora dele. A partir destas considerações, este trabalho visa discutir as noções de subjetividade como uma ferramenta de radicalidade e de contraposição aos valores hegemônicos, que desprestigiam as produções poéticas produzidas por mulheres negras. Este trabalho apresenta uma leitura feminista, a partir das considerações de autoras do feminismo negro estadunidense e brasileiro. A poesia é, neste sentido, o vetor para a construção de identidade, a partir da autodefinição por meio da subjetividade. A tradução da poeta contemporânea Nayyirah Waheed é um norteador para esta discussão, de que estes valores podem transitar em campos sociolinguísticos distintos e habitarem outros lugares, para além do campo social e político. Os estudos da tradução também se relacionam com o pensamento hegemônico e estruturalmente racista (Cf. COLLINS, 2016). Desta forma, traduzir autoras negras é também um modo de ampliar o acesso a estas leituras insubmissas e uma possibilidade de reconstruir a trajetória de mulheres negras, autodeterminadas e que rompem com o status de “outro” para se tornarem sujeitos.

Palavras-chave: *Feminismo negro, Nayyirah Waheed, Identidade, Poesia.*

Abstract: The poetry produced by black women still does not have the same visibility as the works of white authors, in academic environment and beyond. From these considerations, this work aims to discuss the notions of subjectivity as a tool of radicality and opposition to hegemonic values, which discredit the poetic productions produced by black women. This work presents a feminist reading, based on the considerations of black American and Brazilian feminist authors. Poetry is, in this way, the vector for the construction of identity, stem from self-definition through subjectivity.

The translation of the contemporary poet Nayyirah Waheed is a guide for this discussion, that these values can transit in different sociolinguistic fields and inhabit other places, beyond the social and political field. Translation studies are also related to hegemonic and structurally racist thinking (Cf. COLLINS, 2016). In this sense, translating black female authors is also a way of expanding access to these unsubmissive readings and a possibility of reconstructing the trajectory of self-determined black women who break away from the status of “other” to become subjects.

Keywords: *Black Feminism, Nayyirah Waheed, Identity, Poetry.*

Considerações Iniciais

Apresenta-se, neste trabalho, uma tradução inédita para o português brasileiro de dez poemas selecionados da poeta afro-americana Nayyirah Waheed, extraídos do seu segundo livro, *Nejma* (2014). Inicialmente, pretende-se apresentar a autora, assim como a pertinência da tradução de sua obra. Os poemas escolhidos abordam questões de gênero, raça e ancestralidade, temas centrais na obra de Waheed. Posteriormente, pretende-se discutir brevemente como a subjetividade é uma forma de se (re)construir e (re)pensar a identidade de mulheres negras. A poesia se apresenta como uma ferramenta de radicalidade, uma vez que ressignifica a existência das mulheres negras, em uma transitoriedade do lugar de “outro” para o lugar de sujeito protagonista, de forma autodeterminada. A tradução da obra de Waheed, nesse sentido, transpõe o campo linguístico e se torna acima de tudo uma ferramenta para dar voz a existências silenciadas e estabelecer diálogos entre campos sociolinguísticos distintos, aproximando vivências no amplo contexto afrodiaspórico contemporâneo.

A literatura produzida por mulheres precisa ser observada em um âmbito de constante reavaliação; isto é, mais do que analisar os aspectos de gênero, existem especificidades de raça e classe que precisam ser consideradas. Se por um lado temos a necessidade de dar mais espaço para as produções artísticas feitas por mulheres, por outro, precisamos estar atentos a essas particularidades, que se fazem igualmente urgentes.

A necessidade de se pensar em um movimento que abranja os diversos aspectos da *mulheridade* não pode estar desassociada das especificidades que a raça e a classe impõem sobre a questão de gênero, principalmente no contexto da América Latina. Essa urgência não é somente artística, mas sobretudo uma necessidade epistemológica.

Uma leitura de-colonialista que atente a essas especificidades passa também pelo campo da subjetividade. A natureza das opressões raciais e de gênero são

solidificadas em um caráter desumanizador que silencia a condição de sujeito das mulheres negras, colocando-as em um estado permanente de objeto. Discutir a subjetividade, o corpo e a sexualidade feminina dentro dessa perspectiva é romper com o silenciamento e oferecer novas leituras, que reverberem também no campo político e social.

Como se sabe, o racismo é um fenômeno social, com bases solidificadas na nossa estrutura e organização cultural. De acordo com Silvio Almeida (2018, p.38-39), o racismo é definido como uma parte essencial da nossa estrutura política, social e econômica:

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição.

Assim sendo, o enfrentamento do racismo precisa modificar todas as estruturas sociais e políticas. A articulação política, nesse sentido, pode habitar este campo da subjetividade, uma vez que esta também reproduz valores da estrutura racista.

A feminista negra Sueli Carneiro (2011) considera o feminismo negro uma ferramenta de articulação política indissociável da luta feminista no contexto da América Latina:

Portanto, para nós se impõe uma perspectiva feminista na qual o gênero seja uma variável teórica, mas como afirmam Linda Alcoff e Elizabeth Potter, que não “pode ser separada de outros eixos de opressão” e que não “é possível em uma única análise. Se o feminismo deve liberar as mulheres, deve enfrentar virtualmente todas as formas de opressão”. A partir desse ponto de vista, é possível afirmar que um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades.

Assumir o lugar de sujeito e não mais de objeto, no caso das mulheres negras, é de muitas formas promover uma ruptura com as visões do pensamento

hegemônico. A produção poética, nesse sentido, é mais uma das faces em que essa articulação essencialmente política precisa ser evidenciada.

Este trabalho visa não apenas traduzir e comentar os poemas de Nayyirah Waheed mas, sobretudo, aproximar a interação entre campos sociolinguísticos distintos, mas que são unidos pelo caráter estrutural de suas opressões, como uma tentativa de se oferecer outras formas de se pensar a subjetividade de mulheres negras, a partir de si mesmas.

Sobre a autora

Nayyirah Waheed é uma poeta afro-americana contemporânea que possui dois livros publicados: *Salt* (2013) e *Nejma* (2014). A autora ganhou muita visibilidade nas redes sociais *Instagram* e *Twitter*, nas quais costumava publicar textos e imagens de seus poemas. Muito pouco se sabe sobre sua vida pessoal, infância ou sobre suas referências. A autora praticamente não dá entrevistas e tudo o que se sabe sobre sua vida é o que se pode inferir por meio de publicações em suas páginas nas redes sociais, como a suposição de que ela seja muçulmana.

Waheed fez das redes sociais seu portfólio e é hoje uma das poetas mais populares da internet. Atualmente, sua conta do *Instagram* possui quase 600 mil seguidores e o seu nome é mencionado outras milhares de vezes como referência em temas como: feminismo negro, antirracismo, empoderamento feminino e ancestralidade negra. Sua obra aborda essencialmente questões de gênero e raça.

A autora costumava publicar em suas redes sociais imagens de seus próprios poemas extraídos de seus livros, o que lhe garantiu muitas menções e uma enorme popularidade. Todavia, por motivos desconhecidos, Nayyirah Waheed excluiu todo esse conteúdo publicado anteriormente, deletando também sua conta na rede social *Twitter*, onde costumava publicar pequenos textos. Atualmente, sua conta no *Instagram* já não possui mais as imagens dos seus textos, tendo permanecido apenas imagens promocionais de seus livros. Desde então, podemos encontrar menções a sua obra e não mais a veiculação direta dos textos pela própria autora.

As imagens de seus poemas pelas redes sociais não só tornaram sua obra acessível e lhe deu reconhecimento, mas também demonstraram que as discussões políticas do feminismo negro também se dão nos campos da subjetividade. Mesmo após apagar todo o conteúdo de suas redes sociais, o nome de Nayyirah Waheed segue sendo associado ao empoderamento feminino e fotografias de seus poemas

seguem sendo compartilhadas e mencionadas na internet, da mesma forma que a autora fazia.

Ao buscarmos seu nome em sites de pesquisas, não encontramos imagens da autora, tampouco entrevistas ou qualquer outra informação pessoal mais contundente; são os seus poemas que aparecem em primeiro plano.

A escolha por certa discrição, por assim dizer, é bastante intrigante, se considerarmos os temas políticos abordados pela autora. A ausência de uma imagem pública coloca somente seus textos em evidência, fazendo com que a sua poesia seja a sua própria existência.

Esse distanciamento não é por acaso, já que em seus livros a autora afirma que o leitor deve buscar a si mesmo ao entrar em contato com a sua obra. No poema “*Você*” do livro *Salt* (2013), Nayyirah Waheed (2013, p. 127, tradução nossa) escreveu:

ouça meus poemas
mas
não procure por mim
procure por você¹

De certa forma, a ausência da autora se desfaz na medida em que seu texto se torna presente. É a existência desse fazer poético transbordante que, acima de tudo, constrói uma nova forma de se existir enquanto mulher negra, sendo esta autodeterminada e celebrada entre suas iguais.

Sua poesia é feita por mulheres e para mulheres, a autora se fragmenta em múltiplas vozes para tratar do feminino sob diversos eixos e perspectivas. No poema *sem título*, traduzido neste trabalho, a autora coloca a figura da mulher como a composição de diversas outras expressões da *mulheridade*. Um único ser mulher é composto por diversos outros.

Sua obra dissolve as visões pré-estabelecidas acerca dos papéis sociais das mulheres negras, para além do campo social e político. Suas múltiplas vozes falam da complexidade do feminino enquanto mulher, enquanto artista e enquanto mulher negra. E é através desse caleidoscópio de possibilidades que o “ser mulher” é construído e desconstruído em oposição aos estereótipos raciais e de gênero

1 [listen to my poems | but do not look for me | look for you]

cristalizados na sociedade. Essa “voz” lírica se direciona às mulheres, como um chamamento para que estas repensem e recriem novas possibilidades de si mesmas.

A publicação de seus livros de forma independente, é também uma forma de insubmissão e de ruptura. Esta abertura de pequenas “frestas” na estrutura do nosso corpo acadêmico e editorial expõe também a dificuldade em se achar um espaço que acolha essas e tantas outras narrativas.

Nejma

Publicado em 2014, *Nejma* é o segundo livro de Nayyirah Waheed. Assim como *Salt* (2013), este também foi publicado de forma independente. O nome significa estrela em árabe, o que nos ajuda a supor que ela seja muçulmana, uma vez que em *Nejma* dois poemas fazem referência ao islã: o poema “chá” e um poema sem título. Neste último, ela fala de sua origem, atribuindo à sua mãe a ligação com a religião (WAHEED, 2014, p. 72, tradução nossa):

minha mãe me deu o islã.
meu pai me deu o Deus da ausência
e aqui eu estou
uma religião feita de mim².

A dedicatória do livro é um poema sem título direcionado às pessoas negras, em que existe uma referência às estrelas (WAHEED, 2014, p. 3, tradução nossa):

para vocês.
meu povo. negro
vocês são um altar de estrelas.
lembrem-se disso
sempre.
nunca se esqueçam disso³.

2 [my mother gave me islam. | my father gave me the god of absence. | and here ii am | a religion made of myself]

3 [to you. | my people. of color. | you are an altar of stars. | remember this. | always. | do not ever forget this]

O diálogo com o leitor é recorrente ao longo do livro. A poeta externa toda a complexidade da existência em múltiplos aspectos, inclusive falando sobre ser poeta, sobre seu processo criativo como algo que acontece concomitantemente com a vida. É a sua existência enquanto mulher negra que determina sua poesia, mas também é a poesia que determina sua existência. Este percurso proposto pela autora assume uma posição de enfrentamento, uma vez que a radicalidade está em justamente trazer à tona uma expressão legítima da natureza humana em toda sua complexidade, que contraria a expressão estrutural do racismo, que tem por característica desumanizar mulheres negras. Essa representação do feminino confere a subjetividade e ao fazer poético uma forma de resistência.

Em “Saúde, classe social e mulheres afroamericanas” (1993), as autoras Evelyn L. Barbee e Marilyn Little (1993, p. 187, tradução nossa) afirmam que:

Por causa das interações entre racismo, sexismo e muitas vezes classismo, as mulheres afroamericanas ocupam uma posição estrutural na qual são vistas como subordinadas a todas as outras mulheres e homens nesta sociedade. Crenças, mitos e estereótipos sobre as mulheres afro-americanas têm servido para intensificar seu status como “outro”⁴.

Nesse contexto, a poesia de Nayyirah Waheed rompe com esse *status* de “outro”, ao transgredir o silenciamento do corpo, do sexo, dos desejos e da própria “mulheridade”. Isso não significa romper com a análise social e histórica do racismo, mas sim, de trazer reflexões que passem pelo campo subjetivo, pois estes também são determinantes para a validação da existência das mulheres negras.

A autora Patrícia Hill Collins (2016) determina que a autodefinição cumpre a função de humanizar e romper com o *status* de “outro”, lugar este que reserva às mulheres negras. As imagens de mulheres como sujeitos autodefinidos, tal qual a poesia de Nayyirah Waheed constrói, assumem esse caráter de ruptura, pois suas expressões são centradas nas mulheres por elas mesmas (COLLINS, 2016, p. 105):

A insistência de mulheres negras autodefinirem-se, autoavaliarem-se e a necessidade de uma análise centrada na mulher negra é significativa por

4 [Because of the interactions among racism, sexism and often classism African-American women occupy a structural position in which they are viewed as subordinate to all other women and men in this society. Beliefs, myths and stereotypes about African-American women have served to intensify their status as “other.”]

duas razões: em primeiro lugar, definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma auto-definição sob a forma de “outro” objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação. O status de ser o “outro” implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta de comportamento masculino branco. Nesse modelo, homens brancos poderosos definem-se como sujeitos, os verdadeiros atores, e classificam as pessoas de cor e as mulheres em termos de sua posição em relação a esse eixo branco masculino. Como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modelo consiste de imagens que definem as mulheres negras como um outro negativo, a antítese virtual da imagem positiva dos homens brancos.

A obra de Nayyirah Waheed oferece uma possibilidade de se pensar a existência das mulheres negras em aspectos ainda pouco explorados. A sua poesia é um marcador de sua existência, mas também um meio dialógico de interação com outras mulheres negras da diáspora.

Os poemas selecionados para serem traduzidos nesse trabalho tratam da existência feminina, da experiência com o racismo e do resgate de um caráter sagrado e ancestral das mulheres negras. Sua poesia é feita para mulheres e é sobre mulheres em sua totalidade. A poeta fala de si para tocar o outro, pois reconhece a si mesma como parte desse outro.

Sobre a forma, é importante destacarmos que a autora utiliza de uma escrita pouco convencional, com a ausência de letras maiúsculas e rimas, com uma sintaxe fragmentada em versos livres. Seus poemas são minimalistas e concisos. A liberdade da escrita de Waheed é uma marca importante de subversão além da forma, pois ela adquire materialidade no conteúdo abordado pela poeta. Existe uma relação entre tornar o “mínimo” o “máximo”. São pelas miudezas da existência, em toda sua simplicidade, que se encontra a radicalidade de sua obra. A construção do feminino em sua poesia é desprendida do jugo patriarcal, tanto no teor político e mais objetivo de sua obra, quanto na construção da imagem feminina que é apresentada.

O leitor não se curva diante da autora, muito pelo contrário, é a existência do leitor que torna sua poesia vívida. A tradução dos poemas de Waheed, nesse sentido, é uma forma de aproximar vozes femininas em uma produção artística que cria sentido na medida em que é incorporada por mulheres.

A feminista negra e poeta Audre Lorde atribui à poesia a capacidade de fazer com que as pessoas “aconteçam” (LORDE, 2020). Em uma narrativa poética de

vivências silenciadas, a poesia tem a capacidade de alcançar o inalcançável: uma possibilidade de autodefinição insubmissa.

As traduções

O exercício da tradução está além da busca por equivalência ou transposição do signo linguístico. Ao traduzirmos mulheres negras, estamos de muitas formas rompendo com o pensamento hegemônico que prioriza a tradução e divulgação de textos produzidos por homens e mulheres brancas. Nesse sentido, podemos conferir à tradução de autoras negras uma expressão de radicalidade e enfrentamento. Esse é um caminho para difundir o pensamento de mulheres negras, assim como validar suas existências.

Rajagopalan (1998) atribui à tradução um papel subversivo como um meio de resistência na narrativa de povos colonizados: “Ou seja, a atividade tradutória - a mesma que selou o processo de colonização - acaba se tornando, nas mãos dos colonizados, o único meio de resistência e, ao mesmo tempo, a arma mais poderosa para alcançar seus objetivos” (RAJAGOPALAN, 1998).

O corpus desse trabalho é composto por poemas que tratam de questões de gênero, raça e autoestima da mulher negra. A temática dos poemas selecionados, considerando o contexto sociopolítico brasileiro, possui afinidade que estabelece uma relação dialógica com os leitores brasileiros. Sendo o trabalho de Nayyirah Waheed uma poética de reconstrução de identidade e subversão, a tradução de seus poemas é uma forma de multiplicar narrativas de resistência e de relações interculturais entre mulheres negras da diáspora.

Em aspectos psicológicos, a subjetividade de mulheres negras garante outras formas de existir, distanciando-se de visões cristalizadas na nossa sociedade e repletas de estereótipos racistas, sendo essa identidade conduzida pela autodefinição.

Segundo a feminista negra Patricia Hill Collins (2016, p. 102), a autodefinição é uma ferramenta para a construção de imagens autênticas das mulheres negras que se contrapõem aos estereótipos raciais:

Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras.

O primeiro poema dessa seleção trata do cansaço em todas as expressões do feminino que existem em uma única mulher. A multiplicidade dos papéis socialmente impostos, assim como o posicionamento de enfrentamento a esses papéis acabam por desgastar as mulheres emocionalmente. Esse cansaço quase sempre é reprimido e silenciado:

all the women.
in me.
are tired.

todas as mulheres.
em mim.
estão cansadas.

Untitled

Sem título

No poema “limpa”, a poeta trata do sexo como uma força criadora da qual não devemos nos envergonhar. A sexualidade feminina é um grande tabu na nossa sociedade ainda nos dias atuais, normalmente associado a algo sujo. Em se tratando de mulheres negras, existem diversas noções racistas e desumanizadoras que colocam a mulher negra em uma posição de subserviência e objetificação. Repensar a sexualidade nessas condições é reivindicar o direito ao prazer e a uma sexualidade plena e libertadora. A força criadora está no exercício dessa liberdade e em nomear uma expressão da sexualidade como algo natural que determina nossa existência:

i was made from sex.
there is no shame. in such a creation.

fui feita do sexo
não há vergonha. em tal criação.

– clean

– limpa

No terceiro poema, “roupas feitas de água”, a poeta trata do devir. A movimentação de sua existência repleta de vazios e instabilidade busca a estabilidade, após um processo transitório de reconhecer-se a si mesma em uma nova versão:

i go.
with all the nothings.
all the myths.
and

eu vou.
com todos os nada.
todos os mitos.
e

all the flawings.

and return

full.

a new metal.

a waterlight.

– clothes made of water

todas as falhas.

e retorno

cheia.

um novo metal.

uma luz d'água

roupas feitas de água

Em “éter”, a poeta trata do racismo como uma experiência que não deve definir a existência de quem o sofre. Esse sentimento é enfatizado pela repetição do verso “you are not racism”/ “você não é o racismo”. O verso 9 “you/você” demonstra a relação dialógica com o leitor, que o coloca como elemento central da expressão de uma beleza sagrada. A poeta trata do “ser negro” como um algo sagrado e não um fardo a ser carregado:

you are not racism.

you are not racism.

you are not racism.

you are not racism.

you are not racism.

your skin is not burden.

there is no mark against you.

your being is a holy beauty.

you.

are a holy beauty.

– ether

você não é o racismo.

você não é o racismo.

você não é o racismo.

você não é o racismo.

você não é o racismo.

sua pele não é um fardo.

não há uma marca contra você.

seu ser é beleza sagrada.

você.

é uma beleza sagrada.

– éter

No poema “pele” a autora trata do processo de escrita como algo comprometido com a liberdade plena. Numa perspectiva social e psicológica, as vestimentas expressam e projetam valores que nem sempre são verdadeiros. A “nudez das palavras”, nesse caso, se refere também a uma busca pelo caráter mais genuíno das emoções como meio para se construir no processo de escrita:

when words take off their clothes. for me.	quando as palavras ficam nuas. para mim.
so I can write. them	para que eu possa escrever. elas
exactly. as they are.	exatamente. como elas são.

– skin

– pele

Em “melanina” a autora trata da memória e da raça. Em uma relação temporal entre passado, presente e futuro, ela associa a melanina como um marcador importante para a apropriação da raça como um fator determinante para a história passada, para o presente e para o futuro. A presença de melanina é a herança que as pessoas negras carregam de seus antepassados escravizados no período colonial, mas não só: essa herança também é possibilidade de resgate de valores de ancestralidade. Essas relações temporais estabelecidas entre passado e presente são determinantes para a compreensão que a cor da pele tem uma importância indissociável da existência:

melanin is memory.	melanina é memória.
future memory.	memória futura.
past memory.	memória passada.
your memory.	sua memória.
the memory of life. all.	a memória da vida. toda.
in your skin.	na sua pele.

– melanina

– melanina.

Em “luz” a autora traça uma relação entre ser negra e ser luz. Essa luz é representada pela lua que representa a multiplicidade do que é ser negro. Metaforicamente, a lua representa transições e mudanças constantes, considerando que ela muda de fase constantemente.

to be black.	ser negra.
and	e
a moon.	uma lua
– light	– luz

Em “a fome negra” a autora fala da suntuosidade da negritude, faminta por novas possibilidades. Metaforicamente, o solo “lento e dourado” representa essa necessidade de ser alimentado para ser fértil e produtivo:

we are a slow golding soil.
opulent and starving.

nós somos um solo lento e dourado.
opulento e faminto.

– the black famine

– a fome negra

Em “anglófilo” a autora trata do distanciamento do “ser negro”, estabelecendo uma relação que se sobrepõe à raça propriamente dita. A negritude evocada pela autora pressupõe uma certa noção de conduta política embutida na construção dessa negritude, da qual um sujeito se ausenta. Anglófilo é aquele que tem admiração pela Inglaterra; sendo a autora norte-americana, podemos inferir essa relação entre colonizador e colônia. Esse indivíduo que se distanciou de sua negritude estaria com os olhos voltados para o seu colonizador:

you will be black. again.
i will wait.

você vai ser negro. novamente.
eu vou esperar.

– anglophile

– anglófilo

Por fim, em “pornô emocional (a imagem negra na indústria)”, poema que encerra essa seleção, a autora trata da representação das mulheres negras na indústria a partir de estereótipos negativos que reforçam o racismo estrutural. O título do poema faz uma menção à pornografia, o que nos permite inferir que essas representações satisfazem uma espécie de desejo numa esfera sexual e fora dela na perpetuação dessas imagens reducionistas e desumanizadoras. De maneira bastante incisiva, a poeta por meio da repetição da palavra “sempre/always” demonstra que essas representações comerciais estão em diversos campos que vão do social ao psicológico e ao sexual:

our image.s.
always half. sempre metade.
always burning.
always welt. sempre vergão.

nossas imagen.s.
sempre queimando.

always bent.
always garish.
always crawling
always high.
always drunk.
always severed.
always flayed.
always vomiting.
always laughter laced with choking.
always chained.
always searing.
always stoic.
always monolith.
always ghetto.
always prisons.
always passive.
always stunted.
always begging.
always indifferent.
always deceit.
always vicious.
always lazy.
always sex.
always abusive.
always abused.
always slave.
always adult from birth.
always child until death.
always pain.
always servant.
always at a mercy.
always unagency.
always aggressor.
always sadness.
always sinister.

sempre curvada.
sempre berrante.
sempre rastejando.
sempre chapada.
sempre bêbada.
sempre partida.
sempre esfolada.
sempre vomitando.
sempre risos asfixiados.
sempre acorrentada.
sempre brada.
sempre estoica.
sempre monolito.
sempre gueto.
sempre prisões.
sempre passiva.
sempre atrofiada.
sempre implorando.
sempre indiferente.
sempre engano.
sempre cruel.
sempre preguiçosa.
sempre sexo.
sempre abusiva.
sempre abusada.
sempre escrava.
sempre adulta desde o nascimento.
sempre criança até a morte.
sempre dor.
sempre serva.
sempre à mercê.
sempre inerte.
sempre agressora.
sempre tristeza.
sempre sinistra.

always rabid.	sempre raivosa.
always grasping.	sempre ávida.
always grabbing.	sempre agarrando.
always razor blade.	sempre cortante.
always grotesque.	sempre grotesca.
always apathetic.	sempre apática.
always bloody.	sempre sangrenta.
always beast.	sempre fera.
always body.	sempre corpo.
always regendered.	sempre re-identificada
always misgendered.	sempre mal-identificada.
always gendered.	sempre identificada.
always object.	sempre objeto.
always mammy.	sempre mamãe.
always mule.	sempre mula.
always mockery.	sempre zombaria.
always accessories.	sempre acessórios.
always vulgar.	sempre vulgar.
always poverty.	sempre pobreza.
always disgust. ing.	sempre nojo. enta.
always whore.	sempre puta.
always rage.	sempre raiva.
always blank.	sempre lacuna
always calculating.	sempre calculando.
always docile.	sempre dócil.
always stud.	sempre viga.
always inept.	sempre inepta.
always killing.	sempre matando.
always ugly.	sempre feia.
always dumb.	sempre burra.
always drugs.	sempre drogas.
always loathing.	sempre asco.
always tragic.	sempre trágica.
always lurking.	sempre à espreita.
always animal.	sempre animal.

always respectable. politics.	sempre digna. política.
always high white.	sempre brancos drogados
always fetish black.	sempre fetiche negro.
always unpowered.	sempre desempoderada.
always hyperbolic.	sempre hiperbólica.
always fear.	sempre medo.
always on fire.	sempre em chamas
always impotent.	sempre impotente.
always destruction.	sempre destruição.
always spectacle.	sempre espetáculo.
always shatter.	sempre quebrar.
always exacted into the perfect porn star.	sempre moldada como a estrela pornô perfeita.
– emotional porn (the black image indus- try)	– pornô emocional (a indústria da imagem negra)

Considerações finais

A partir das considerações feitas neste trabalho, podemos inferir que a subjetividade cumpre uma função transbordante, para além do caráter artístico e que invade o campo político e social. A poesia é, também, uma expressão de autodefinição, que pode ser partilhada por outras mulheres negras em contextos sociolinguísticos distintos. Essa noção cumpre uma função humanizadora que constrói uma outra noção de identidade e de modelo para outras mulheres negras, que se (re)constrói em oposição ao pensamento hegemônico androcêntrico e estruturalmente racista.

A poesia se torna, assim, uma ferramenta de radicalidade que, por meio da força que habita o poético, promove “rachaduras” estruturais na ideação da mulheridade das mulheres negras. As potências do ser e do fazer poético são intensificadas pela determinação dessas existências e pela ruptura do silenciamento dos sujeitos. A poesia é a ferramenta de insubmissão que invade o campo social e político para movimentar estruturas, modificar padrões e, principalmente, transformar realidades.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. “Concepção estrutural”. In: *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte: Letramentos, 2018.

BARBEE, L. Evelyn; LITTLE, Marilyn. “Health, social class and African-american woman”. In: *Theorizing black feminism: The visionary pragmatism of black women*. London: Routledge, 1993.

CARNEIRO, Sueli. “Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na américa latina a partir de uma perspectiva de gênero”. *Portal Geledés*, 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

COLLINS, Patricia Hills. “Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro”. *Brasília*, Vol. 31, No. 1, 2016, p.102-105.

LORDE, Audre. “A poesia faz alguma coisa acontecer”. In: *Sou sua irmã: escritos reunidos*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

_____. “Minha poesia e autodefinição”. In: *Sou sua irmã: escritos reunidos*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Pós-modernidade e a tradução como subversão*. Anais do VII Encontro Nacional/1 Encontro Internacional de Tradutores. São Paulo, 1998. Disponível em: <www.novomilenio.inf.br/idioma/19980911.htm>. Acesso em: 15 de janeiro de 2020.

WAHEED, Nayyirah. *Salt*. Createspace Independent Publishing Platform, 2013.

_____. *Nejma*. Createspace Independent Publishing Platform, 2014.